

SIMPÓSIO AT016

O USO DE ESCALAS COMO CATEGORIA DE ANÁLISE PARA A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

BAZZO, Manoella Gonçalves.
Universidade Federal de Goiás (UFG)
manugbazzo@gmail.com

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre o uso de escalas para a pesquisa sociolinguística, no contexto da globalização. Parte do questionamento sobre como essa categoria de análise pode contribuir para o trabalho da Sociolinguística no século XXI, tem em vista as grandes mudanças ocorridas no uso de recursos linguísticos em tempos de grande mobilidade de pessoas e textos. O objetivo proposto é o de apresentar uma síntese sobre o conceito de escala, a partir de contribuições de Blommaert (2010) e Kell (2009; 2015), com algumas considerações sobre seu uso na prática de análise sociolinguística. Para tanto foi realizada uma análise de cunho bibliográfico envolvendo esses autores, contextualizando a sociolinguística em tempos de globalização e destacando as perspectivas de escalas verticais e horizontais e suas implicações para a pesquisa nessa área. Considera-se importante a renovação teórica e metodológica para acompanhar os fenômenos sociolinguísticos no século XXI, e o uso de escalas, como categoria de análise, torna-se uma ferramenta fundamental por acompanhar, na prática, as trajetórias e movimentos das pessoas e de textos e suas relações no espaço e no tempo.

Palavras-chave: Sociolinguística; Globalização; Escala.

Abstract: This article proposes a reflection about the use of scales for sociolinguistic research, in the context of globalization. Part of the questioning about how this category of analysis can contribute to the work of Sociolinguistics in the 21st century, takes into account the great changes in the use of linguistic resources in times of great mobility of people and texts. The proposed objective is to present a synthesis on the concept of scale, based on contributions by Blommaert (2010) and Kell (2009; 2015), with some considerations about its use in the practice of sociolinguistic analysis. For this purpose, a bibliographic analysis was carried out involving these authors, contextualizing sociolinguistics in times of globalization and highlighting the perspectives of vertical and horizontal scales and their implications for research in this area. It is considered important the theoretical and methodological renewal to accompany sociolinguistic phenomena in the 21st century, and the use of scales, as a category of analysis, becomes a fundamental tool to follow, in practice, the trajectories and movements of people and texts and their relationships in space and time.

Keywords: Sociolinguistic; Globalization; Scale.

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar uma síntese sobre o conceito de escala a partir de contribuições de Blommaert (2010) e Kell (2009; 2015), com algumas considerações sobre seu uso na prática de análise sociolinguística.

Conforme Blommaert (2010), a escala é uma metáfora que serve para explicar o movimento de pessoas e textos dentro de diferentes espaços semiotizados e estratificados, por isso apresenta uma característica vertical. Em Kell (2009; 2015), as escalas se relacionam com trajetórias textuais num movimento horizontal dentro do espaço e do tempo, em atividades práticas de letramento. Percebe-se, portanto, que essa categoria apresenta algumas divergências teóricas com diferentes aplicabilidades no campo linguístico e social.

Entende-se que muito além de simples descrição linguística, o trabalho com escalas permite uma prática de análise capaz de capturar questões de estratificação e poder, presentes nas relações sociais, ao acompanhar os usos e aplicabilidades de recursos linguísticos em diferentes espaços e de diferentes formas.

1. Sociolinguística, globalização e os processos de mobilidade

Com os avanços tecnológicos e com a globalização, a mobilidade de textos e pessoas tornou-se cada vez maior, com trocas de informações cada vez mais rápidas e contatos sendo realizados com maior intensidade do que no século passado (BLOMMAERT, 2010; MOITA LOPES, 2013). Como destacado por Blommaert (2010), o mundo não se tornou uma “vila”, mas um complexo emaranhado de redes, de cruzamento de textos e corpos que viajam por diferentes lugares, tempos e espaços. Por isso, “a ideologia linguística da delimitação linguística a uma comunidade precisa ser revista [...]” (MOITA LOPES, 2013, p. 27). Ou seja, com as mudanças sociais presentes nesse novo século, novas formas de fazer pesquisa vão sendo exigidas, bem como a renovação de teorias que consigam explicar tais mudanças tornam-se necessárias.

Dessa forma, entende-se que o fazer pesquisa Sociolinguística no século XXI precisa de renovação teórica e metodológica (MOITA LOPES, 2004) e de novas ferramentas conceituais (BLOMMAERT, 2010), com vistas a alcançar melhores respostas à complexidade presente nas relações entre língua, sociedade e cultura. É nesse sentido que Blommaert (2010) propõe uma Sociolinguística da Globalização, tomando os fenômenos linguísticos não apenas como locais, mas como globais, com diferentes escalas e níveis entre eles. Algumas características desse movimento no mundo são as variações percebidas nos processos migratórios, antes considerados simples mudanças espaciais, agora se tornaram mais complexos com o fenômeno da superdiversidade¹ (BLOMMAERT, 2010; BLOMMAERT; RAMPTON, 2011).

Para contribuir para o campo da análise linguística nesse ambiente de mobilidade e superdiversidade, Blommaert (2010) propõe o uso de três conceitos teóricos, sendo eles: “escalas sociolinguísticas”, “ordens de indexicalidade” e “policentrismo”. É importante frisar que o uso desses conceitos dentro da pesquisa sociolinguística implica, especialmente, uma prática etnográfica de coleta de dados, como foi adotado por Bayham (2009), Blommaert (2010) e Kell (2015; 2009), entre outros autores, tendo em vista a importância que se dá no “mergulho” do pesquisador dentro do campo de pesquisa. Como aponta Blommaert (2010), a pesquisa sociolinguística da globalização precisa de uma etnografia “sensível” capaz de acompanhar o desenvolvimento semiótico produzido pelos participantes.

2 Escala como categoria de análise

De posse dessa contextualização, dentre os três conceitos acima destacados, elegeu-se a categoria de escala como foco deste trabalho, considerando que a mesma categoria é abordada por duas perspectivas: escalas verticais, embasada, principalmente, no trabalho de Blommaert (2010), e escalas horizontais, explorada com profundidade por Kell (2015; 2009) em suas análises.

2.1 A escala vertical

Blommaert (2010) destaca a noção de escala como um conceito necessário para as análises de fenômenos sociolinguísticos em tempo de globalização. Essa noção serve como uma metáfora para se imaginar os movimentos de pessoas e de textos através de diferentes espaços. Esses espaços não estão vazios, e ao se moverem, tanto as pessoas quanto os textos, se deparam e se envolvem com diferentes tipos de “códigos, normas e expectativas”. Tal diferença destaca a desigualdade social presente no acesso aos recursos linguísticos, fruto do poder simbólico e da atribuição de valores às línguas construídos socialmente (BOURDIEU, 1991 *apud* BLOMMAERT, 2010).

Para a melhor compreensão da noção de escala, é necessário entender que as relações sociais acontecem num tempo e num espaço que não estão separados, mas pelo contrário, encontram-se unidos na construção de significados. Ou seja, “every social event develops simultaneously in space and in time, often in multiply imagined spaces and timeframes” (BLOMMAERT, 2010, p. 34). Daí que Blommaert (2010) se apropria da noção “espaço-tempo”, cunhada por Wallerstein, procurando destacar a indissociabilidade desses aspectos para o trabalho com os fenômenos linguísticos e sociais, adotando-os como uma “dimensão única” (WALLERSTEIN, 1997 *apud* BLOMMAERT, 2010).

A noção de escala permite ao sociolinguista observar o fenômeno de produção de significados dentro do jogo das relações sociais, envolvendo diferentes lugares, tempos, recursos e acesso a esses recursos, tendo em vista a mobilidade de pessoas e de textos no espaço-tempo, tendo como contexto o Sistema-Mundo de Wallerstein (BLOMMAERT, 2003). Com isso, é possível entender que as relações econômicas e sociais associadas ao uso da variedade padrão do português permite muito mais acesso (mobilidade) a

diferentes espaços na sociedade do que aquelas relacionadas ao uso de uma variedade popular, ou um “dialeto”.

Por conta dessa desigualdade presente nas relações sociais e, conseqüentemente, no campo linguístico, entende-se que as escalas se encontram organizadas em camadas, fáceis de serem compreendidas numa visão vertical, tomadas em dualismo de extremos, como do micro (o mais local) ao macro (o mais global), do individual ao coletivo, do local ao translocal, do específico para o geral (BLOMMAERT, 2010). Esse movimento de um extremo ao outro é compreendido como “saltos escalares” que os recursos ativam dependendo das relações indexicais que são realizadas (BLOMMAERT, 2010).

O uso de escala como categoria de análise colabora para que o pesquisador compreenda os movimentos verticalizados realizados pelos fenômenos sociolinguísticos, sendo capaz de acompanhar tais trajetórias nos diferentes níveis das relações sociais, partindo de eventos mais locais para translocais, pessoal para impessoal, particular para público, situados para globais. É perceptível, assim, a relação intrínseca entre língua, sociedade e cultura, mas também entre uso e comportamento sociais e linguísticos.

2.2 A escala horizontal

A proposta de Kell (2015; 2009) se volta para o questionamento em compreender “[...] how exactly communication occurs across time and space” (KELL, 2015, p. 72), pois verifica que a metáfora vertical de escala não consegue suprir essa demanda. Em sua visão, a proposta de Blommaert permanece no plano espacial, portanto definida como “especialização da sociolinguística”, na qual “[...] the concept of scale would be valuable in linking localized productions of meaning with larger-scale orderings” (KELL, 2015, p. 74). Dessa forma, a autora propõe uma “sociolinguística contextualizada”, onde se observe o “movimento de palavras” para o processo “meaning-makingⁱⁱ”.

Sua categoria de análise é a recontextualização como escala horizontal, em atividades de letramento concretas. A recontextualização é entendida como “[...] meaning making literally shifted across space and time” (KELL, 2009, p. 257). Ou seja, o processo “meaning making” acontecendo e sendo deslocado no tempo e no espaço, contribuindo para que outros aspectos relacionados à vida social surjam, como desigualdades, cultura, identidade e poder.

Como ela explica, sua análise chega a esse caminho a partir de contribuições de algumas pesquisas sobre a interação de eventos de letramento e práticas de letramento, voltando-se para o “como” a interação entre o local e o distante acontece nos eventos de letramento do cotidiano. Kell (2015; 2009) exemplifica sua proposta com a história de Nomathansanqa, moradora de um assentamento localizado em Cape Town, África do Sul, que a partir de um evento simples de letramento escolar, consegue se mover verticalmente e horizontalmente no espaço, e recebeu o dinheiro necessário para o conserto de sua casaⁱⁱⁱ.

Kell (2015; 2009) destaca a importância de se acompanhar a trajetória textual dos eventos de letramento em situações reais e concretas. No exemplo de Noma, se destaca que o “meaning-making” foi realizado em diferentes espaços e tempos, com a entextualização e a recontextualização de sua narrativa, resultado numa realização concreta: a reforma da casa. Se fosse observado somente no nível escalar vertical, a mesma análise poderia ser muito diferente, pois muito da movimentação no espaço e no tempo horizontal trouxe enorme significado para a construção da análise.

Considerações finais

O percurso aqui conduzido esteve embasado, principalmente, nas contribuições de Blommaert (2010) e Kell (2015; 2009) com a finalidade de apresentar o uso de novas ferramentas para o trabalho com os fenômenos sociolinguísticos em tempos de globalização, com destaque para a categoria de escala.

Acredita-se que o uso de escalas, tanto verticais quanto horizontais, permite ao pesquisador sociolinguista a reflexão sobre as implicações dos usos e empregos dos recursos linguísticos em ambientes de grande mobilidade, com fronteiras e/ou comunidades menos fixas e fechadas, onde corpos e textos transitam, tomando diferentes significados e (re) construindo outros; onde é possível reconhecer estruturas profundas presentes nas relações sociais sobre dominação e poder desses corpos e desses textos, com as aplicações práticas, reais e concretas de recursos linguísticos.

Para o uso dessa categoria, é importante que o pesquisador esteja envolvido eticamente com a coleta e análise de dados, mas também que saiba valorizar a visão êmica em sua pesquisa (KELL, 2009), por meio de uma prática etnográfica sensível às mudanças ocorridas no campo sociolinguístico, a qual reflete mudanças em níveis mais profundos da realidade social.

As escalas sociolinguísticas, portanto, contribuem para acompanhar o movimento e as trajetórias de pessoas e textos dentro de espaços e tempos estratificados (BLOMMAERT, 2010), cuja estrutura de poder implica no apagamento de alguns, na valorização de outros; mas também contribui para que se possa perceber como aqueles (corpos e textos apagados e desvalorizados) sobrevivem apesar das propostas de homogeneização ou da ideologia linguística de língua única presentes na sociedade.

Referências

BLOMMAERT, Jan. **The Sociolinguistics of Globalization**. Cambridge: University Press, 2010. Capítulos 1 e 2.

_____. Commentary: a sociolinguistics of globalization. **Jornal of Sociolinguistics**, Oxford (UK); Malden (USA), 7/4, 2003, p. 607-623. Disponível em: < <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-9841.2003.00244.x>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

BLOMMAERT, Jan; RAMPTON, Ben. **Language and superdiversity**. *Diversities*, v. 13, n. 2, p. 1-22, 2011.

BAYNHAM, Mike. 'Just one day like today': scale and the analysis of space/time orientation in narratives of displacement. In: COLLIN, James; SLEMBROUCK, Stef; BAYNHAM, Mike (Ed.). **Globalization and language in contact: scale, migration, and communicative practices**. London: Continuum, 2009. p. 130-147.

KELL, Catherine. Ariadne's Thread: literacy, scale and meaning-making across space and time. In: STROUD, Christopher; PRINSLOO, Mastin (Ed.). **Language, literacy and diversity: moving words**. New York: Routledge, 2015. p. 72-91.

_____. Weighing the scales: recontextualization as horizontal scaling. In: COLLIN, James; SLEMBROUCK, Stef; BAYNHAM, Mike (Ed.). **Globalization and language in contact: scale, migration, and communicative practices**. London: Continuum, 2009. p. 252-274.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Ideologia linguística: como construir discursivamente o português no século XXI. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola, 2013, p. 18-52.

_____. Contemporaneidade e construção de conhecimento na área de estudos linguísticos. **Scripta**, [S.l.], p. 159-171, mar. 2004. ISSN 2358-3428. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12552>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

ⁱ A superdiversidade é entendida como “a tremendous increase in the categories of migrants, not only in terms of nationality, ethnicity, language, and religion, but also in terms of motives, patterns and itineraries of migration, processes of insertion into the labour and housing markets of the host societies, and so on” (VERTOVEC, 2010 *apud* BLOMMAERT; RAMPTON, 2011, p. 01). Apesar de compreender sua importância para o processo da globalização, esse conceito não será aprofundado neste artigo.

ⁱⁱ Uma possível tradução para o português seria “produzindo significado”, contudo, optou-se por utilizar o termo em inglês por entender que o sentido proposto pela autora corre o risco de ser alterado.

ⁱⁱⁱ A história é mais detalhada que essas etapas, contudo para o presente trabalho foi realizada uma síntese dessas, tendo em vista que o foco não é aprofundar os acontecimentos, mas acompanhar a análise horizontal de escala desenvolvida pela autora.